



O PROCESSO DE AUTORIA DO SUJEITO-LEITOR NO CIBERESPAÇO

Lívia Schleder de Borba¹

Em um mundo em que a Internet é a principal (e essencial) fonte de informação, podemos ser levados a uma reflexão quanto à questão da autoria. Isso porque o ambiente virtual desafia as fronteiras entre leitor-autor e entre leitura-escrita. Sob a luz da Análise do Discurso de linha francesa, iremos partir do estudo de novas materialidades presentes no meio cibernético e das novas maneiras pelas quais o sujeito se constrói com o objetivo de entendermos como se dá o funcionamento da função- autor e da autoria do leitor nesse tipo de discurso.

Para iniciarmos a nossa reflexão, devemos primeiro perceber o quanto o que é geralmente concebido como autoria pode mudar quando pensamos nas materialidades virtuais. De uma maneira geral, podemos dizer que a função-autor objetiva organizar os dizeres já-lá de uma maneira que infira ineditismo, isto é, a autoria funciona como um mecanismo de disfarce: a maneira única como o autor organiza os pré-construídos condizentes com a formação discursiva com a qual se identifica dá a impressão de que o autor, além de fonte de seu dizer, materializa um discurso inédito. Assim, podemos perceber que a função-autor é fundamental para a manutenção da ilusão de controle que tanto o sujeito-autor quanto o sujeito-leitor têm de seus discursos. Como afirma Mittmann (2011, p.127)

a constituição do discurso se dá pela multiplicidade de partículas disformes de discursos anteriores ou previsíveis e de saberes dispersos cujo manancial se muitas vezes se perdeu. Algumas dessas partículas, a partir de determinado movimento (...) aproximam-se não de forma aleatória, mas sob o controle da formação discursiva em que o sujeito se inscreve e sob a intervenção do pré-construído. Na formulação do discurso, as partículas são articuladas umas às outras por uma *função-autor*, que é interna ao discurso.

Logo, a função-autor é necessária ao discurso, e não apenas isso: ela acaba por ser responsável pelos efeitos de fechamento (há um início e há um fim) e pelo apagamento da exterioridade (tudo o que pode ser dito está ali dito) constitutiva do discurso, mas a qual precisa ser esquecida pelo sujeito. Por isso, Mittmann também afirma que “o já-dito – necessariamente esquecido para que funcione – rege a interpretação do autor. E esse se percebe plenamente consciente, senhor de seu dizer, autor” (2008b, p.90).

A partir desses apontamentos podemos chegar à questão das materialidades no ciberespaço. Se a função-autor é um constituinte interno de qualquer discurso e é fundamental para que o texto produza um efeito de completude, como podemos pensar autoria em um meio que se caracteriza pela

¹ Graduanda em Letras Bacharelado Português/ Inglês da UFRGS e bolsista PIBIC-CNPq/ UFRGS vinculada ao Projeto de Pesquisa *Redes de Memória: contatos entre discursividades contemporâneas*, coordenado pela Profa. Solange Mittmann. O presente trabalho foi realizado com o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa - UFRGS - Brasil. Bolsa PIBIC CNPq-UFRGS.



volatilidade e pela dispersão? Na tentativa de responder a essa pergunta, faremos uma análise de quatro textos sobre agrotóxicos. Eles foram encontrados na Internet e, a partir deles, pretendemos mostrar como se dá o funcionamento da autoria nessa nova forma de organização – como hipertexto – em relação à autoria no texto impresso. Partindo de um texto encontrado no site www.folha.uol.br – o qual trata de uma notícia referente ao uso de agrotóxicos em uma pequena cidade do Mato Grosso – percorremos *links*, sites e blogs que tratavam do assunto e, assim, criamos um percurso de leitura próprio. Dessa forma, podemos pensar nas diferentes formas de autoria manifestas no ciberespaço, já que o sujeito se relaciona com a escrita e com a leitura nesse meio eletrônico de uma forma peculiar.

Vale dizermos que “o ciberespaço abarca não apenas a armazenagem e circulação dos discursos, mas também a produção, as formas de organização e articulação, além da recepção” (MITTMANN, 2008a, p.113-114). E é por isso que o ciberespaço representa uma nova forma de os sujeitos se relacionarem com escrita, uma vez que é nela que a determinação histórica de determinada sociedade e a ideologia dominante são simbolizadas. A Internet acaba sendo a principal forma de relação do sujeito da atual conjuntura histórica com a escrita, e esse sujeito então manifesta a sua subjetividade de uma maneira singular, diferente daquela de outras ordens históricas e sociais. Concordamos com Grigoletto quando ela afirma que “estamos diante (...) não apenas de uma reinvenção da escrita, mas também de uma nova forma de escritura da sociedade” (2009, p.4). Fica aí claro o cruzamento da materialidade lingüística com a histórica.

Para a autora, a dispersão é constitutiva do texto eletrônico. Na opinião ela:

Parece-me que o hipertexto, ao invés de produzir um efeito de unidade, de completude, de evidência de sentido, que é o que se espera de um texto impresso, produz o efeito da dispersão, de incompletude, de provisoriedade. Então, o seu fechamento é da ordem do simbólico, se é que se produz esse efeito de fechamento. (Ibid, p.5)

Assim, quando pensamos no texto eletrônico – ou hipertexto – observamos que tanto o autor quanto o leitor comportam-se de maneiras diferentes do que se espera de um texto impresso. Por exemplo, quando falamos em autoria, é instintivo que se confunda o sujeito com o indivíduo. Isso porque estamos culturalmente acostumados a atribuir a um determinado indivíduo a responsabilidade por aquilo que ele produz. Assim, o leitor acredita ter acesso ao pensamento do indivíduo-escritor e, por ter acesso a um texto impresso, acabado, com início meio e fim, acaba por manter dele certa distância: o leitor não é capaz de mudar o texto impresso, dele se espera nenhuma interatividade, e imagina-se que exista um único percurso de leitura, aquele planejado pelo autor.

A própria Análise do Discurso questiona tal posicionamento, uma vez que “se o texto é feito de escritas múltiplas, o lugar da reunião dessa multiplicidade, isto é, o lugar da unidade está no leitor” (MITTMANN, 2008b). Entretanto, a ilusão da univocidade e da homogeneidade é necessária para que os sujeitos sejam capazes de esquecer que tudo o que lá está já foi dito e que os sentidos se dispersam de forma incontrolável.



O funcionamento do hipertexto desafia, portanto, tais conceitos. Em primeiro lugar, muitas vezes o autor não é nomeado e, portanto, o sujeito sente-se mais “livre”: ele não necessariamente será responsabilizado por aquilo que escreve. Além disso, devido à elasticidade do discurso virtual, que parece aceitar tudo de todos, o sujeito esquece que também está submetido a normas. Grigoletto explica 'o funcionamento da Internet como instituição: “o sujeito-internauta, ao produzir a escrita virtual, se filia à internet, a qual por sua vez, também se filia e está determinada pela formação social do capitalismo, do mundo globalizado” (2009, p.2). Assim, mesmo ao assumir uma posição de maior “liberdade”, o sujeito, ao se colocar como autor, não deixa de estar submetido a regras sociais, à formação discursiva à qual pertence. A diferença é que aqui as fronteiras entre o que pode e não pode ser dito parecem mais maleáveis.

Nesse ponto, podemos finalmente chegar a um aspecto peculiar do discurso cibernético: leitor e autor se confundem. Justamente por poder percorrer diferentes *links* e páginas a partir de um só texto, por exemplo, é que o sujeito-leitor posiciona-se como autor. Ele também tem seu papel na constituição do texto, que é interminável. Novamente recorremos a Grigoletto: “não há, portanto, um lugar fixo nem para o autor nem para o leitor, tampouco para o texto que possui a característica de uma escrita interminável” (Ibid., p.6). Tal tipo de escrita (e de expectativa de leitura) é efêmera uma vez que tanto leitor quanto autor podem a qualquer momento mudar seus percursos de leituras, alterar trechos, escolher determinados *links* em detrimento de outros. Muitas vezes, inclusive, o leitor é convidado a participar abertamente da escrita, postando comentários que constituem uma escrita coletiva.

A análise que propomos aqui teve início quando tomamos conhecimento de uma notícia que envolvia uma pesquisa a respeito de agrotóxicos encontrados no leite materno. Quando fizemos uma busca por “agrotóxicos no leite materno” no Google, a primeira ocorrência era a matéria intitulada *Estudo encontra agrotóxico em leite materno em MT*, publicada no site do jornal Folha de São Paulo². A reportagem explora o assunto superficialmente, uma vez que disponibiliza logo no primeiro parágrafo um acesso restrito para assinantes à notícia na íntegra. Tal restrição mantém “a forte saturação dos sentidos pré-determinados pela ideologia dominante” (MITTMANN, 2008), já que vai contra o próprio princípio de quem busca informações na Internet: a gratuidade. Acabamos, então, sendo levados a sites que não se filiam a grandes empresas de jornalismo para que tivéssemos acesso à notícia.

Ora, o site da Folha parece esquecer – ou gostaria de negar – que os internautas, navegando (quase que) livremente pelo ciberespaço, constituem os seus próprios percursos de leitura a partir de um *click do mouse* (GRIGOLETTTO, 2009). Logo, deixamos o site da Folha e seguimos a nossa busca pelo assunto. Na página do Google nos deparamos com outra matéria, esta é intitulada *Estudo*

² Retirado de: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/892662-estudo-aponta-agrotoxico-em-leite-materno-em-mt.shtml>, acessado em 4/09/2011.



aponta agrotóxico em leite materno de mulheres de Lucas do Rio Verde, MT³. O próprio título já nos detalha mais o assunto e, em seguida, para nossa surpresa e agrado, vimos que o site em questão, chamado Ecodebate, publicou a matéria completa da *Folha de São Paulo*. Prova-se, então, o caráter inclusivo do meio cibernético, onde o acesso à informação não se limita a uma minoria. Nesse site, a abordagem do assunto não se limita a reproduzir a matéria da Folha: a página apresenta separadamente dois pontos de vista, uma vez que a matéria reproduzida da Folha está claramente separada da matéria produzida pelo próprio site.

Antes de partirmos para o próximo ponto da rede de leitura que formamos com a nossa pesquisa, achamos válido fazer outras considerações. Enquanto no primeiro texto existe uma tentativa por parte do autor de limitar o alcance do leitor, no segundo podemos ver mais claramente o funcionamento da autoria no hipertexto. Quando Grigoletto apresenta a visão de Eni Orlandi a respeito da autoria, ela explica que:

Para essa autora, a função-autor é aquela em que o sujeito falante está mais afetado pelo contato com o social e suas coerções. Logo, é a dimensão discursiva do sujeito que está mais determinada pela relação com a exterioridade (contexto sócio-histórico). E isso significa que as relações de poder e as formas de resistência que se exercem nesse contexto também afetam o sujeito do discurso enquanto autor, enquanto efeito do lugar social que ele ocupa nessa posição. (2009, p.7)

Ainda que nenhum dos textos apresente o nome do autor, é visível que o segundo texto desafia essa concepção de autor submetido pelo social. Não dizemos isso contrariando o fato de que o sujeito é atravessado pelo social, dizemos que aqui o sujeito tem maior possibilidade de afastar-se do discurso oficial legitimado pela escrita e pelas classes dominantes.

Após a leitura do texto do site Ecodebate o leitor encontra-se diante de diversas opções. Ele pode explorar outros assuntos que o site apresenta, pode seguir a explorar o mesmo assunto, pode voltar para a sua busca etc. Tal liberdade representa o entrecruzamento dos sujeitos-leitor e autor, já que no espaço virtual “os leitores (...) tornam-se também autores do texto que estão lendo, podendo, inclusive, mudar a direção de sentido pretendida pelo texto” (GRIGOLETTO, 2009, p.8). Aqui optamos por seguir a leitura até o final – o texto aqui não é interrompido por *links*, o que remete a uma inconsciente tentativa de provocar um efeito de completude, semelhante àquele do texto impresso – até chegarmos a um *link* que nos leva até outra matéria do mesmo site. Esta tem a característica de ser uma reportagem-denúncia, pois ela remete a pesquisas anteriores que resultaram na descoberta de contaminação com agrotóxicos. A matéria, chamada *Campo Verde e Lucas do Rio Verde, MT: Agrotóxicos em amostras de ar, água da chuva sangue e urina*⁴, também apresenta uma matéria da Folha de São Paulo. Entretanto, a matéria está costurada a opiniões próprias do autor que faz a denúncia. Trata-se de um discurso indireto, portanto.

³ Retirado de: <http://www.ecodebate.com.br/2011/03/24/estudo-aponta-agrotoxico-em-leite-materno-de-mulheres-de-lucas-do-rio-verde-mt/>, acessado em 4/09/2011.

⁴ Retirado de: <http://www.ecodebate.com.br/2010/09/06/campo-verde-e-lucas-do-rio-verde-mt-agrotoxicos-em-amostras-de-ar-agua-da-chuva-sangue-e-urina/>, acessado em 4/09/2011.



A leitura desse texto, no entanto, é interrompida por um link que leva o leitor ao site da Anvisa. O que, então, o leitor faz? Ele segue a leitura ou clica no link? Aqui é que ele estabelece o seu papel de autor, porque a leitura, além de já ser um processo de produção de sentidos, parece totalmente livre de controle no meio eletrônico. Como afirma Indursky (2001 *apud* CAZARIN, 2006, p.302), “ler é mergulhar em uma teia discursiva invisível construída de já-ditos para desestruturar o texto e (re)construí-lo, segundo os saberes da posição sujeito em que se inscreve o sujeito-leitor”. Assim o próprio ato de leitura implica a produção de um novo “texto”, um texto que depende da interpretação de um sujeito social e histórico, atravessado pela ideologia. O que percebemos na leitura desse texto virtual é a maior ilusão de “liberdade” com que o leitor constrói os sentidos, uma vez que ele pode fazer escolhas diante daquilo que lê. Ao clicar no link, o leitor será levado para outra página que, se sobreposta à primeira página acessada, poderá fazer com que esta seja esquecida. Ou a leitura pode se seguir até o final da página, o que pode fazer com que o link seja esquecido. Caminhos diferentes que produzem outros efeitos de sentido e, portanto, outros “textos”.

Assim, a partir dessa breve análise, pudemos perceber que de fato a autoria se dá de forma diferente no hipertexto. Em primeiro lugar, a função-autor, interna ao discurso, mesmo estando presente, se manifesta de outra maneira. Ao invés de observarmos aquelas características de ineditismo e efeitos de fechamento e completude, percebemos que o autor – mesmo que tente – torna-se incapaz de colocar “barreiras” na dispersão dos sentidos. Assim, quando do primeiro texto, pudemos ver que ainda que o autor tentasse limitar o acesso à notícia, restringindo a quantidade de informações disponíveis, ele não pôde evitar que o leitor ultrapassasse as barreiras que ele tentou impor.

Em segundo lugar, o segundo texto mostra que a questão do ineditismo acaba sendo de menor relevância, uma vez que o autor do texto usa abertamente o texto da Folha para divulgar a notícia e para apresentar seu contraponto. Assim, o leitor acessa um discurso já (quase) previamente conhecido, reconhece ali sua presença e “conscientiza-se” quanto à heterogeneidade daquele texto. Para encerrar, então, o que é de fato mais marcante nesse tipo de discursividade é a mistura dos papéis de autor e leitor. Quando leitor de texto impresso, o sujeito colocava-se em posição mais passiva – ele acreditava não ter participação na constituição do sentido. Agora, leitor de uma materialidade dispersa e volátil, o sujeito coloca-se como personagem atuante e acaba por agir como autor. Ele organiza seu caminho de leitura e geralmente pode interferir quando achar necessário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAZARIN, Ercília Ana. A leitura: uma prática discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 6, n. 2, p. 299-313, mai./ago. 2006
- GRIGOLETTO, Evandra. A autoria no hipertexto: uma questão de dispersão. *Hipertextus: revista digital*, Recife, n. 2, jan. 2009.



MITTMANN, Solange. Redes e ressignificações no ciberespaço. In: ROMÃO, Lucília de Souza, GASPAR, Nádea (Orgs.). *Discurso midiático: sentidos de memória e arquivo*. São Carlos: Pedro e João, 2008a, p. 113-130.

_____. Autoria e tradução: da dispersão às identificações. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana. (Orgs.). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008b, p. 80-96.

_____. Alguns apontamentos sobre militância digital. In: GRIGOLETTO, Evandra [et al.] *Discursos em rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço*. Recife: UFPE, 2011. p.119-139.